



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 15/06/2023 | Aprovação: 08/12/2023

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/14830>



<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v17i29.14830>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 17 | N. 29 | Jul-Dez, 2023, pp. 319-316



DAS BARCAS ÀS ERRÂNCIAS POÉTICAS

FROM BOATS TO POETIC WANDERINGS

Assunção de Maria Sousa SILVA  

Universidade Estadual do Piauí (UESPI) ¹

Resumo: Resenha do livro *Em las entrañas del mar*, de Kaguimbu Ananaz, pseudônimo da escritora angolana Maria Manuela Cristina Ananaz, publicado no Chile, em 2022, com tradução de Larissa G. Menegassi e Ignacio Rivera Pallante. Com apoio teórico na *Poética da relação*, de Édouard Glissant, o texto apresenta aspectos dos poemas de Kanguimbu Ananaz, a partir de um diálogo com *Em Por el mar de las Antilhas anda un barco de papel Poemas para niños mayores de edad*, do poeta cubano Nicolás Guillén, para refletir sobre a potencialidade poética sinestésica, relacional e de afetos que se entrecruza nas vozes da diáspora.

Palavras-Chave: Resenha. Kaguimbu Ananaz. E. Alejandro Manriquez. Poética da relação. Nicolás Guillén.

Abstract: Review of the book *Em las entrañas del mar*, by Kaguimbu Ananaz, pseudonym of the Angolan writer Maria Manuela Cristina Ananaz, published in Chile, in 2022, translated by Larissa G. Menegassi and Ignacio Rivera Pallante. With theoretical support in the *Poetics of Relationship*, by Édouard Glissant, the text presents aspects of the poems of Kanguimbu Ananaz, based on a dialogue with *Em Por el mar de las Antillas anda un boat de papel Poemas para niños mayores de edad*, by the Cuban poet Nicolás Guillén, to reflect on the synesthetic, relational and affective poetic potential that intersects in the voices of the diaspora.

Keywords: Review. Kaguimbu Ananaz. E. Alejandro Manriquez. Poetics of relationship. Nicolás Guillén.

¹. Doutora em Letras / Literaturas de língua portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com estágio de doutorado sanduíche pela Universidade de Lisboa Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí. Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Cultura da UESPI.. E-mail: asmaria06@gmail.com

Nós nos conhecemos na multidão, no desconhecido que não aterroriza. Nós gritamos o grito da poesia. Nossas barcas estão abertas, nós as navegamos em nome de todos.
(Glissant, 2021, p. 33)

ELOS

Em Por el mar de las Antilhas anda un barco de papel Poemas para niños mayores de edad, o poeta cubano Nicolás Guillén (1902 – 1989) canta em versos lúdicos, porém lúcidos, a imagética viagem em barco de papel de dois amiguinhos a contar o que veem e o que encontram com seus olhares de infância. Uma menina negra e um menino branco no barco sem timoneiro transcorre o mar, estabelecendo vários contatos com distintos personagens da natureza personificados.

No percurso da viagem poética se acentuam a paisagem, o clima, o ambiente, os animais e plantações. Como em um sonho, Nicolás Guillén nos traz a imagem de um barco cerrando o mar das Antilhas. O mar com suas ondas revoltas. O barco flutuando sobre o mar no cair da noite. A imagem do céu “grande véu” sobre o mar encanta. E os meninos vão testemunhando e experimentando as histórias, as adivinhas e fabulações nada inocentes da memória - impressões de vivências da diáspora negra nas Américas.

Nesse circuito dos versos, canções e enigmas, o poeta registra a presença tanto dos que atormentam – como os soldadinhos que vão à guerra e jogam suas lanças na terra -, ou o animal marinho insaciável por água e sal, quanto o homem que golpeia com a cabeça, sem lhe causar dor, e a cana que cortada, em lágrimas, expressa dolorida canção. Essa zona de desconforto e sofrimento desperta a luta evocada no final dos versos do poema Caña: “su libre sangre levanta / y ardiendo en tu pecho canta / cantos de Revolución,” (Guillén, 1998, p. 54).

Retomo essas passagens desse poema dirigido às crianças antilhanas para me deter sobre o livro de poemas *Em las entrañas del mar*, de Kanguimbu Ananaz, pseudônimo da escritora angolana Maria Manuela Cristina Ananaz, lançado no Chile, em 2022, com tradução de Larissa G. Menegassi e Ignacio Rivera Pallante. O livro tem apresentação da Dra. Juliana Santos Menezes (Universidade Nova de Lisboa / Instituto Federal da Bahia, Campus Ilhéus) e da Dra. Daiana Nascimento dos Santos (Coordenadora, Cátedra Fernão de Magalhães - Instituto Camões / Centro de Estudios Avanzados, Universidad de Playa Ancha, Chile), com prefácio do professor mestre Geferson Santana (USP).

Kanguimbu Ananaz como Nicolás Guillén problematiza a presença do mar e, ao mesmo tempo, torna-o elemento irradiador e progressivo da intensidade poética, demarcada por uma perspectiva transcultural. O mar desponta como elo e condução da performance poética de ambos,

considerando as devidas distinções no que tange proposições e intenções poéticas. Enquanto encontramos nos versos do poeta cubano de incursão no gênero poético infanto-juvenil uma aventura infantil errante e fabulosa, nos poemas da poeta angolana há uma tessitura do mar que atende para o realismo, com certo teor romântico no mundo dos adultos na diáspora. Todavia Kanguimbu Ananaz produz uma narrativização de diferentes matizes e concepções a dialogar com outras faces poéticas de Nicolás Guillén, com relação à inclusão e imersão dos sujeitos da diáspora.

NAS ENTRANHAS DA POESIA DE ANANAZ

Nesse sentido, pretendo discorrer sobre os poemas de *Em las entrañas del mar* (2022), a partir da exploração em versos sob a dimensão transcultural que ali existe, por aporte teórico que Édouard Glissant propõe quanto ao “conhecimento partilhado” como confluência e resultado dos abismos encontrados e continuados nas existências dos descendentes africanos na poética das relações. Fito-me no que a professora e pesquisadora Daiana Nascimento dos Santos, em *El océano de fronteras invisibles: relecturas históricas sobre (¿el fin? De) la esclavitud en la novela contemporánea* (2015) expressa na dedicatória desse livro. Estabeleço a semelhança entre Kanguimbu Ananaz e as mulheres homenageadas por Santos, as personagens do livro da poeta angola e com a experiência das mulheres que vieram antes, as quais ensinam a todas nós vivenciar, de forma profunda e diversa, a nossa negroafricanidade. Kanguimbu Ananaz, em solo de Angola profundo e plural, reporta-nos aos “abismos” oceânicos que resultou na produção de conhecimento inter-relacional na diáspora.

Tomo outra vez de empréstimo as ideias da professora Daiana Santos no seu ponto de partida no livro supracitado, ao configurar o oceano Atlântico em sua dimensão “multifacetária das conexões econômicas, sociais e política” e como espaço de “reelaboração das estruturas da escravidão e de confabulações culturais” no que tange à reivindicação da história negra e da memória traumática” (Santos, 2015, p. 29). Aproprio-me desse ponto de partida, não apenas como uma mera citação, mas como proposta de um enfoque profundo a se considerar na base deste breve percurso de leitura que se alimenta na focalização transcultural que o livro *Em las entrañas del mar*(2022) de Kanguimbu Ananaz solicita, uma vez que o mar tanto reverbera como elo de pertencimento ancestral e no presente, quanto, como aspectos de reelaboração e reconstrução de afetos. Esse personagem poético alinhava a estrutura do livro com suas representações plurais. Mas mais do que isso, o mar é sentido e revigorado em nas entranhas em constantes distensões e, ao mesmo tempo, como aportamento de

sabedoria e mistério, segredos de afetos e como travessia dos homens “de cérebro entupido”. Há um eu poético que, em princípio se porta a contemplar o mar, porém essa contemplação reveste-se em uma imersão à memória ancestral e o mar passa a ser também sujeito de uma história até então obscurecida e esquecida.

O mar dominador e potente traduz-se “numa energia quântica” que se enuncia em verso condensa os sentidos. É como se as palavras perseguissem de maneira incessante o indizível por isso a urgência de recorrer ao âmago das sensações. O dizer atravessado pelo sentir, pela vivência dos afetos transportados nos elos dos pertencimentos. Nesse encaixo, o mar potencializa o trânsito dos diálogos no emaranhado dos “seus” dilemas ou dos dilemas absorvidos pelos que ali foram ou são deportados. Ou dos que atravessaram e chegaram ao porto, à costa, à beira-mar. Esse trânsito de dentro para fora e de fora para dentro, assenta-se em mesma dimensão do trânsito atlântico no passado revigorado ou reelaborado no presente. São nesses casos que se presentificam os abismos referidos por Glissant e de onde se pode, no mosaico poético, absorver a potencialidade do fruto do conhecimento partilhado imbricado na “experiência do desconhecido”.

A poética de Kanguimbu Ananaz espelha o presente, dimensiona os atritos e os dilemas do humano, vigora a imersão na palavra – oceânica, sem perder de vista a beleza e a força das margens que tudo testemunha. E das margens tudo contempla e reelabora sob o inebriamento das sensações. Da beira mar, o poema revela a embriaguez tecida do movimento das ondas e, nesse movimento, reitera os sentidos d’alma que habita o Atlântico negro, pois é no mar, e sob a visão oceânica, que homens e mulheres estão conectados e vivenciando a experiência dos afetos. Porém é também da beira – que se avista o trabalho das mulheres marisqueiras para seus sustentos entre os manguezais. Nesse impacto da beleza, do labor e da dor, o poema é o canto que “transcende o limite da imaginação”. O poema é a própria “oceânica onda / matriarcal” a acionar a memória dos “afro-descendentes / tombados num / vale de lágrimas” (Ananaz, 2022, p. 31)

DAS RELAÇÕES

Em *Poética da Relação III*, de Édouard Glissant, lançado no Brasil, em 2021, pela editora Brazzar do Tempo, identifico o arco espiral das encruzilhadas transculturais que expressam o novo das confluências oceânicas. Glissant, logo no início nos conduz para “A barca aberta” onde quer situar a “experiência do desconhecido” que potencializar “conhecimento partilhado” engendrado do

tormento, da deportação dos africanos para as Américas. Da resistência resulta o empreendimento poético da (re)existência na diáspora.

O ponto de partida do poeta e ensaísta martinicano se explicita na abordagem dos aspectos e tensões importantes para compreender o solo das relações que afetam os corpos negros africanos, a partir da captura e do tráfico para a escravidão. As escuridões começam na captura dos africanos nos países de origem, passa pelas “torturas” e “degeneração do ser” que se agravam ininterruptamente por três grandes “abismos” que perfazem as contínuas discontinuidades da vida na diáspora.

Glissant nos conduz a refletir sobre o que se revela mais aterrorizante nessa complexa engrenagem de horror da escravidão: os “abismos” que se aprofundam no desconhecido: o primeiro condiz com o cair “no ventre da barca” a qual não suga, mas toma vazão em direção à linha do profundo em que só resta ao humano “berrar”.

Essa barca é uma matriz, o abismo-matriz. Que gera o teu clamor. Que também gera toda a unanimidade futura. Pois se você está sozinho nesse sofrimento, você compartilha o desconhecido com algumas pessoas que você ainda não conhece. Essa barca é tua matriz, um molde, que, no entanto, te expulsa. Grávida de tantos mortos quanto de vivos em suspenso. (Glissant, 2021, p. 30)

O segundo abismo se revela nas profundezas do mar. Quando a ordem do terror impõe o descarregamento com jogada ao mar “amarrada em bala de canhão”. No mar, no calabouço, profundo, os corpos são alojados por “balas de canhão que mal enferrujam”. Imagens aterrorizantes das profundezas numa imersão navegante de confronto ao desconhecido: “O abismo é uma tautologia e todo o oceano, todo o mar afinal docemente arrastado para os prazeres da areia são um enorme começo, ritmado apenas por essas balas esverdeadas. (Glissant, 2021, p. 30)

Há outra face do desconhecido sinalizado “à frente da proa do navio negroiro”. O olhar para frente absorto no que poderia vir a ser, apercebe-se de que não se avista margem nos dois lados da barca. E então fica a pergunta a partir dessa constatação atordoante: “Não estaria essa barca vagando eternamente pelos limites de um não mundo, não frequentado por nenhum ancestral?” (Glissant, 2021, p. 31).

Ainda há o terceiro abismo que se aproxima à medida que se dista do que foi deixado para traz. Aquilo imaginado como possível pela mente: um imaginário que acentuadamente se desgasta. Glissant então evoca a experiência da “ascese em travessia a terra – mar que não sabemos se é planeta-terra” (Glissant, 2021, p. 31), em que vão se esvaindo aquilo que de mais fazia parte a vivência do ser: a palavra, a relação com os deuses, os objetos do cotidiano, o sabor e o cheiro os alimentos, tudo o que constituía presença e vida daqueles então retidos no oceano. Por isso:

Salve, velho oceano!” Você conserva em tuas cristas o barco surdo de nossos nascimentos, teus abismos são o nosso próprio inconsciente, arados por memórias efêmeras. Então você desenha essas novas margens, prendemos nelas nossas feridas estriadas de piche, nossas bocas avermelhadas e nossos clamores calados. (Glissant, 2021, p. 31)

Édouard Glissant prossegue redimensionando o fato, ao dizer indicando que experiência do abismo está dentro e fora dele. O abismo é o tormento daqueles que foram jogados no “ventre do navio negreiro” para o “ventre roxo do fundo do mar”. Porém esse tormento se aviva para os outros num “contínuo-descontínuo” que ele traduz como “o pânico de novo país a assombração pelo país de outrora e, finalmente, a aliança com a terra imposta, sofrida, redimida. A memória desconhecida do insondável serviu de lodo para tais metamorfoses.” (Glissant, 2021, p. 32)

Nesse argumento ficamos atentos ao que conclui Glissant, à medida que nos direciona a pensar sobre os que conseguiram resistir ao tormento e que chegaram conseguiram à terra e foram se constituindo “por mais que não soubessem imaginar a paixão daqueles que afundaram nele [no abismo], teceram ainda assim uma vela (um véu) com a qual, sem retornar à Terra dos Antes, cresceram nessa terra, repentina e estupefada.” (Glissant, 2012, p. 32)

Os que sobreviveram fazem da Terra do além, terra para si. Então, findados à terra, dar-se a transposição do abismo. Diz ele:

E aquela vela insuspeita, que ao fim se desfralda, é irrigada pelo vento branco do abismo. E assim o desconhecido-absoluto, que era a projeção do abismo, e que trazia em eternidade o abismo-matriz e o abismo insondável, no fim tornou-se conhecimento. (Glissant, 2021, p. 32)

Vale enfatizar que esse conhecimento auferido e construído, reconhecido por Glissant, consiste na descaracterização de uma particularidade (conhecer pelo “sofrimento, dor e gozo particular”) e mais configurado como “conhecimento do Todo, que aumenta com a frequência do abismo e que o Todo libera o saber da Relação.” (Glissant, 2021, p. 32).

Cabe nesse aspecto desafiador, segundo Glissant, a revogação de qualquer miríade do individualismo e da vaidade daqueles que conseguiram chegar à terra do além, assim ele enfatiza que a “presciência e a vivência da Relação não se confundem com nenhuma jactância”. E continua:

Os povos que frequentavam o abismo não se vangloriam de terem sido eleitos. Eles não pensam que estão dando luz às potências das modernidades. Eles vivem a Relação, que eles semeiam conforme o esquecimento do abismo lhes vem e na mesma medida em que sua memória se fortalece. (Glissant, 2021, p. 32).

Compreendemos, portanto, que Glissant trata da experiência como algo coletivo, um fazer contínuo / descontínuo, comum a todos os descendentes. Nesse sentido, na Relação subjaz

“conhecimento partilhado” e não de “estranheza”. Daí sua conclusão de que “essa experiência do abismo é a coisa mais bem trocada.” (Glissant, 2021, p. 33). Para o ensaísta martinicano, o abismo é “projeção e perspectiva de desconhecido” (p. 33) e na experiência da imersão nesse “jogo do mundo”, aquela da “Relação de tempestades e de calmarias profundas onde honramos nossas barcas” (Glissant, 2021, p. 33), é revelado o “que nos mantém em poesia” (Glissant, 2021, p. 33). Diríamos que, segundo nossa compreensão, diante do horror e da dor, do apartamento e da opressão das forças destruidoras, os corpos negros na diáspora estão ao efetuar a zona de pertencimento, a zona de ruptura com o desconhecido e ao fazê-lo continuamos com o grito da poesia reconhecendo-nos e reproduzindo o conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos/as.

Como conclusão, ficam a imagem das barcas abertas:

Mesmo se consentimos com toda irrecusável tecnologia, mesmo se concebermos o sobressalto das políticas a serem concertadas, o horror de superar as fomes e as ignorâncias, as torturas e os massacres, e a plena medida do conhecimento a ser domesticado, o peso de cada maquinaria que, no fim, controlaremos, e a fulguração desgastante das passagens de uma era para outra, da floresta para a cidade, do conto para o computador – está à frente da proa doravante comum, esse rumor ainda, nuvem ou chuva ou fumaça tranquila. Nós nos conhecemos na multidão, no desconhecido que não aterroriza. Nós gritamos o grito da poesia. Nossas barcas estão abertas, nós as navegamos em nome de todos. (Glissant, 2021, p. 33).

O MAR COMO POTÊNCIA POÉTICA – DO DESCONHECIMENTO À PARTILHA DOS AFETOS

O livro de poemas em foco, *Em las entrañas del mar* (2022), de Kanguimbu Ananaz nos convoca a perceber e experienciar o trânsito relacional do reconhecimento. De seu chão angolano irradia suas percepções sobre o Mar e seu imaginário que se configura numa poética de irmandade e afeto. O eu poético narrativiza a experiência do reencontro, que se efetiva naquela noção de reconhecimento de que trata Glissant (2021) acima referido. Nas veias poéticas semantizadas pelas barcas abertas, a relação amorosa crítica e ativa ressignifica a irmandade forjada nos abismos a qual permanece o elo do fortalecimento da solidariedade e afetos entre africanos e os filhos da diáspora.

O signo do mar funciona como sustentação da “raiz matriarcal” revelado como misterioso, ora como “porto”, ergue-se como espaço das encruzilhadas:

[..]
Rua das lágrimas
rua das palmeiras
conhecido porto
entre beira mar e nagê
histórias partilhadas
no colo da
literatura

[..]
(Ananaz, 2022, p. 24)

Nesse porto, as mãos femininas são as que fazem, agem e “despertam amor e poesia” (Ananaz, 2022, p. 24). A força dos versos de Kanguimbu Ananaz espelha a leitura de mundo e os efeitos das sensações a partir das quais se materializa a poeticidade dos versos esculpidos na fala que estabelece a conexão humana com o “semém dos deuses” (p. 25). Nos poemas o “azul” do céu derrama-se sobre o mar personificado. Se o desconhecido permeia o tempo e espaço alegóricos da história da escravidão, nos poemas de Ananaz instalam-se o “conhecimento partilhado” e produzido na “alma” que “habita no Atlântico” (Ananaz, 2022, p. 27). Em sua extensão, a natureza domina o corpo da enunciação poética como cúmplice da labuta dos pescadores e marisqueiras. Na poetização do presente vigora a saudade incontida, mas também o encontro amoroso que repercutem nos elos “transculturais” (Ananaz, 2022, p. 29).

Da mesma medida que Glissant aponta para a poesia como ato reivindicativo: “Nós gritamos o grito da poesia. Nossas barcas estão abertas, nós as navegamos em nome de todos. (Glissant, 2021, p. 33)”, a poesia de Kanguimbu Ananaz toma substância no ato de “cantar o sabor da cultura / a arte transcende o limite da imaginação” (p. 29). Toma corpo no poema a memória ancestral que reconta o tormento e a dor, isto é, os abismos reavivados por Glissant (2021) e já referidos anteriormente:

Chama-se sangue
Dos afro-descendentes
tombados num
vale de lágrima
amar pesa
o vento pesa
o deserto pesa
o amanhecer
toma tua cruz
à beira tem mar.
(Ananaz, 2022, p. 31)

Em outro momento, o corpo poético se desloca para a beira mar numa visão com apelo realista e semantiza o aqui o agora de homens e mulheres em auto-vestimento de suas eroticidades. Todavia o teor erótico é sucumbido por romantização que também não perdura nos versos, visto que prevalece o “pudor” incutido dos valores católicos nas mentes colonizadas:

[..]
O tesouro da palavra poetizando
entre mar e metáforas
românticas palmeiras tua rua
despertam sensações valores e pudores
entre católicos tudo é pecado

valor guardador da virgindade.
[...]
(Ananaz, 2021, p. 32)

CONCLUINDO

A produção e difusão das poéticas das mulheres têm provocado mudanças significativas na arte de um modo geral e, particularmente, nos sistemas literários dos países nos quais elas vêm conquistando cada vez mais espaços anteriormente negados. A participação da mulher na literatura angolana desde o movimento nacional pela libertação do jugo colonial ao pós-independência demarcou diferentes e novas concepções e percepções sobre as realidades angolanas.

A escrita das mulheres configurou mudanças emblemáticas de rupturas de paradigmas e reinvenções do papel e a atuação femininas como contravalores às visões masculinas na narrativização da história e na vivência cultural no passado e no presente. Como já considerado por mim noutros estudos, elas se apropriaram dos bens simbólicos da cultura para participar do jogo” (Silva, 2019, p. 177). Elas recusam o lugar preestabelecido de subjugação feminina e buscam transpor qualquer cerceamento e dominação. Ana de Santana, Alda Lara, Paula Tavares, Amélia Dalomba e tantas outras promovem estilhaços no vitral da colonialidade.

Nos poemas de Kanguimbu Ananaz, segundo a pesquisadora brasileira Maria Nazareth Soares Fonseca (2015), quando analisa a antologia *Todos os sonhos: Antologia da Poesia Moderna Angolana* (2007), organizada por Adriano Botelho de Vasconcellos, secretário da União dos Escritores Angolanos (UEA), à época, repercutem tanto o assento na oralidade quanto o contar com a alma cuja construção dos poemas (contidos na Antologia), como o “Sob a lua”, remetem às mulheres, guardadoras de “sementes magníficas”, numa clara alusão à fertilidade” (Fonseca, 2015, p. 196). Atenta à construção e as escolhas empreendidas na poetização de *Em las entrañas del mar* (2022), Kanguimbu Ananaz reitera essa feitura poética com alma, uma vez que versifica:

Ouçõ delírios fantásticos
infância nostálgica
cobrem a alma
Santana dá vigor ao amor
e a identidade poeticidade
na língua da arte
(Ananaz, 2022, p. 40)

Do mesmo modo segue:

Oceano
Juiz da geografia
Africana
Sol o continente

Sei lá!
Tudo evaporou
Fortificou a alma
Da nossa gente
(Ananaz, 2022, p. 40)

A poesia sinestésica, relacional, efervescente dos caminhos pautados pela diáspora africana ao encontro dos afetos reconstruídos sintetiza o que há de mais responsivo e edificante entre as vozes diaspóricas: “o grito da poesia o grito da poesia. Nossas barcas estão abertas, nós as navegamos em nome de todos. (Glissant, 2021, p. 33).” A errância como fomentação das relações e bem ser, onde se “planta o amor sem demora” (Ananaz, 2022, p. 34).

REFERÊNCIAS

ANANAZ, Kanguimbu. **En las entrañas del mar / Nas entranhas do mar**. Chile: Editorial Puntángeles, 2022.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GUILLÉN, Nicolás. **Por el mar de las Antillas anda un barco de papel: poemas para niños mayores de edad**. Santafé de Bogotá: Paramericana Editorial, 1998.

SANTOS, Daiana Nascimento. **El océano de fronteras invisibles: relecturas históricas sobre (¿el fin? De) la esclavitud en laá**. Novela contemporânea. Madrid: Editora verbum, S. L. 2015.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Poemas de autoria feminina na antologia angolana Todos os sonhos. In. **VIA ATLÂNTICA**, SÃO PAULO, N. 27, 195-212, Jun/2015.

SILVA, Assunção de Maria Sousa. **Nações entrecruzadas tessitura de resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.